



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOAQUIM RANGEL ANDRADE DA SILVA

**A (RE) CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E A NOÇÃO DE PERTENCIMENTO
DOS SUJEITOS SOCIAIS: UMA ABORDAGEM SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA
LOCAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II DA ESCOLA MUNICIPAL CASSIMIRO
F. VIEIRA MÃE JOANA/ FAGUNDES-PB**

**CAMPINA GRANDE
2018**

JOAQUIM RANGEL ANDRADE DA SILVA

**A (RE) CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E A NOÇÃO DE PERTENCIMENTO
DOS SUJEITOS SOCIAIS: UMA ABORDAGEM SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA
LOCAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II DA ESCOLA MUNICIPAL CASSIMIRO
F. VIEIRA MÃE JOANA/ FAGUNDES-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Me. José Emerson Tavares de Macedo

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Joaquim Rangel Andrade da.

A (re) construção de identidades e a noção de pertencimento dos sujeitos sociais [manuscrito] : uma abordagem sobre o ensino de história local no ensino fundamental II da Escola Municipal Cassimiro F. Vieira Mãe Joana/Fagundes - PB / Joaquim Rangel Andrade da Silva. - 2018.

33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Me. José Emerson Tavares de Macedo , Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Ensino de história. 2. História local. 3. Identidade social.

I. Título

21. ed. CDD 372.89

JOAQUIM RANGEL ANDRADE DA SILVA


A (RE) CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E A NOÇÃO DE PERTENCIMENTO DOS SUJEITOS SOCIAIS: UMA ABORDAGEM SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II DA ESCOLA MUNICIPAL CASSIMIRO F. VIEIRA MÃE JOANA/ FAGUNDES-PB


Artigo, apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

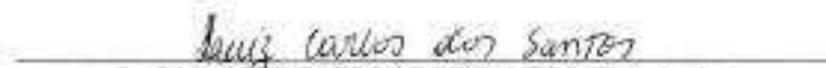
Orientador: Me. José Emerson Tavares de Macedo

Aprovado em: 20/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. JOSÉ EMERSON TAVARES DE MACEDO (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. MATUSALEM ALVES DE OLIVEIRA (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. LUÍZ CARLOS DOS SANTOS (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À todas as pessoas que acreditaram em mim, em especial ao meu Glorioso pai (*in memoriam*) e minha mãe, que sempre foram meu porto seguro, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom e poderoso Deus, pela condução e força necessária aos enfrentamentos diários, estando todo tempo ao meu lado e permitindo que tantas concretizações ocorressem ao longo de minha vida.

Aos meus pais, por todo o apoio a mim dispensado, e, sobretudo, pela confiança em mim e nos meus objetivos.

À minha família de forma geral, que acreditou no meu potencial e que esteve ao meu lado auxiliando-me nos momentos de dificuldades, para que eu não desistisse dos meus sonhos.

Ao meu orientador José Emerson Tavares, que, com sua paciência, tranquilizou-me e auxiliou-me sabiamente na elaboração desde Trabalho de Conclusão de Curso.

À todos os professores e funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, pela paciência, empenho e colaboração durante toda esta trajetória.

Agradeço imensamente aos meus amigos: Maria do Socorro, Maria de Almeida, Marilene Maia, Manuela Correia, Mônica Thaís, Isaías Farias, Cleibson Lima, sem o apoio e o incentivo dessas pessoas nada seria possível.

Finalmente, agradeço a todos os que me apoiaram e acreditaram na minha vitória.

*A história é émula do
tempo, repositório
dos factos,
testemunha do
passado, exemplo do
presente, advertência
do futuro.*

Miguel de Cervantes

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	7
2 - O ENSINO DE HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.....	9
3 - OS DESAFIOS PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL.....	13
4 - A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE FAGUNDES.....	16
4.1- SURGIMENTO DA CIDADE.....	16
4.2- AS REVOLTAS OCORRIDAS NO MUNICÍPIO DE FAGUNDES.....	18
4.2.1 - <i>O Ronco da abelha</i>.....	18
4.2.2 - <i>O Quebra-quilos</i>	19
4.2.3 - <i>O Conflito do Quebra Canos</i>.....	20
5 - A HISTÓRIA LOCAL VISTA A PARTIR DAS TURMAS DE FUNDAMENTAL II DA ESCOLA MUNICIPAL CASSIMIRO F. VIEIRA MÃE JOANA/ FAGUNDES- PB.....	20
6 - CONCLUSÃO.....	26
ABSTRACT.....	27
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE A.....	30
APÊNDICE B.....	31

A (RE) CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E A NOÇÃO DE PERTENCIMENTO DOS SUJEITOS SOCIAIS: UMA ABORDAGEM SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO FUNDAMENTAL II DA ESCOLA MUNICIPAL CASSIMIRO F. VIEIRA MÃE JOANA/ FAGUNDES-PB

Joaquim Rangel Andrade da Silva¹

RESUMO

Este artigo tem o objetivo analisar as contribuições da História local do município de Fagundes – PB, numa perspectiva da construção crítica e significativa de um ensino de história renovado, tendo em vista a composição da identidade social do indivíduo e sua percepção como agente ativo da história. A partir do pressuposto de que a construção de uma História global se dá a partir de uma infinidade de histórias plurais construídas ao longo do tempo, que merecem respeito e visibilidade de forma igualitária, busca-se, ainda, viabilizar a construção da consciência histórica dos sujeitos, proporcionando uma relação ativa com o momento e o espaço onde habita o alunado. A metodologia adotada baseia-se na proposta de um estudo bibliográfico, utilizando, para tanto, autores como Marta de S. L. Brodbeck, Vilma de Lurdes Barbosa, Ernesta Zamboni, Guimarães Selva Fonseca, entre outros, aliado a uma pesquisa de campo aplicando questionários acerca dos estudos da história local com as turmas do Fundamental II da Escola Municipal Cassimiro F. Vieira, localizada no município de Fagundes, no sítio Mãe Joana. Ao final, entende-se que a partir do estudo da história local, os indivíduos marginalizados do processo histórico passam a conhecer e valorizar suas vivências, necessário se faz, portanto, repensar o contexto local face ao ensino da História, tendo em vista que a análise local, no contexto da educação básica, nos permite uma nova possibilidade de diálogo, perpassando a reflexão acerca da nossa identidade e incentivando o diálogo entre diferentes identidades, fomentando a postura de agentes de transformação social.

PALAVRAS CHAVE: Ensino de História. História local. Identidade social.

1. INTRODUÇÃO

A partir do século XIX, desde a sua inserção nos planos pedagógicos escolares e currículos nacionais, o ensino de história esteve enraizado em concepções europeias. Seguindo tal linha, foi nesse contexto histórico que na década de 1980 foi legitimada pelo controle sobre o ensino de História, a lógica do Estado materializou, assim, o culto aos sujeitos históricos pertencentes às classes dominantes, minimizando a liberdade de formação e de pensamento da juventude, tratando de homogeneizar a figura destes sujeitos sociais. Assim, durante um longo período de tempo, o ensino fundamental na educação escolar nacional constituiu, prioritariamente, um lugar privilegiado para a notoriedade de uma

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus I – andraderangel83@gmail.com

determinada memória, isto é, uma História caracterizada por fatos narrados a partir da visão de uma elite dominante, sobre mitos conservadores.

Temos inicialmente a ideia de uma História voltada para os fatos narrados sob a ótica de uma determinada parcela da população, evidenciando as vozes de sujeitos que expõem sua visão segundo seus interesses e sua posição social. A noção de uma nova consciência histórica nasce deste paradigma, é imprescindível que a narrativa histórica se relacione com as identidades e as ações dos indivíduos integrantes do meio, desta maneira, não se pode deixar de considerar a história como um processo, um edifício em permanente construção do qual todos os sujeitos são partícipes, assim, todos nós somos integrantes da história.

Neste contexto, fez-se de suma relevância considerar a história de vida do corpo discente, suas interações sociais, em múltiplos contextos, contribuindo, assim, para situá-lo historicamente, a fim de que sua evolução social e afetiva imprima-lhe o sentimento de pertencer. Os estudos históricos são imprescindíveis para a composição da identidade social do indivíduo, uma vez que possibilitam sua percepção como agente ativo da história ao identificar as relações dos diferentes grupos humanos em tempos e espaços diversificados.

Partindo desta perspectiva, quanto ao alunado, devemos tomar como ponto inicial uma realidade que lhe é mais próxima, como início de uma reflexão, ou seja, o ensino da História deve oferecer ao aluno um estímulo para a compreensão da realidade, integrando-o, a exemplo da História local. Dessa forma, temos por objetivo nesse trabalho analisar as contribuições da história local do município de Fagundes – PB, numa perspectiva da construção crítica e significativa de um ensino de história renovado. A ideia em trabalhar com essa temática surgiu a partir da necessidade de não apenas reproduzir o conteúdo histórico pronto e acabado, mas inserir o alunado no conteúdo histórico, auxiliando-o na compreensão de que a história é fruto de uma construção diária na quais todos somos elementos formadores.

Para uma compreensão significativa desse trabalho, utilizamos de uma proposta de um estudo bibliográfico, aliado a uma pesquisa de campo aplicando questionários acerca dos estudos da história local com as turmas do fundamental II da Escola Municipal Cassimiro F. Vieira, localizada no município de Fagundes, no sítio Mãe Joana.

Esse trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: no primeiro momento discutiremos acerca do ensino de história e a construção de identidades, no segundo momento, abordará sobre os desafios da história local no ensino de história, em um terceiro momento apresentaremos de forma sucinta a história do município de Fagundes e por fim, destacaremos

qual o grau de conhecimento dos alunos de história do Fundamental II da Escola Municipal Cassimiro F. Vieira no que tange sobre a história do município de Fagundes – PB.

Destacamos a importância dessa discussão sobre a influência que determinado fato da história local pode contribuir na construção da identidade dos sujeitos locais, além corroborar numa perspectiva de um ensino-aprendizagem mais significativo e prazeroso a partir dos estudos locais. Ademais, o processo ensino-aprendizagem da própria história se solidifica também como ponto inicial para um conhecimento histórico global, isto porque proporciona o trabalho com uma realidade mais aproximada do alunado e se materializa, sobretudo, como uma referência para a construção da identidade e da noção de pertencimento destes sujeitos sociais.

Portanto, não se devem utilizar os estudos da história local como ponto de partida, mas como reflexo e parte integrante de uma história nacional, esses estudos exigem do professor e do aluno uma constante reflexão, uma vez que o conhecimento histórico, nunca estará encerrado, assim, à medida que surgirem novos dados e perspectivas diferentes ensejarão novas análises e novos debates no campo da história.

2. O ENSINO DE HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

O ensino de História como disciplina escolar sempre foi fortemente influenciado pelo contexto histórico, até a metade do século XX as aulas de história foram baseadas em processos com estratégias de memorizações e repetições de textos escritos, raramente se via materiais didáticos, a transmissão dos saberes se dava oralmente e pertencia unicamente ao professor. Nesta perspectiva, o papel da disciplina de História no ensino regular ficou marcado durante quase todo o século XX por um ensino restrito a acontecimentos históricos, pontuais e com enfoque em grandes personagens heroicos e símbolos nacionalistas.

Temos, portanto, a ideia de uma História voltada para os fatos narrados sob a ótica de uma determinada parte da população, evidenciando as vozes de sujeitos que expõem sua visão segundo seus interesses e sua posição social, sob essa ótica, a História ocupava um duplo papel, conforme Brodbeck (2012) nos apresenta que:

O civilizatório e o patriótico, formando, ao lado da geografia e da Língua Pátria, o tripé da nacionalidade, cuja missão na escola elementar seria o de modelar um novo tipo de trabalhador: o cidadão patriótico (...). A História Pátria, era entendida como o alicerce da “pedagogia do cidadão”, seus conteúdos deveriam enfatizar as tradições de um passado homogêneo, com feitos gloriosos de célebres personagens históricos nas lutas pela defesa do território e da unidade nacional. (PCN, 1996, p.20 *apud* BRODBECK, 2012, p.6)

Por sua vez, em meados da década de 1920, a partir de uma nova corrente de pensamento surgida na França a *Escola dos Annales*, enfatizou a necessidade de se alçar novos caminhos para a História, almejando a valorização de reflexões acerca da convivência coletiva e da composição das estruturas sociais, alocando para um segundo plano a enraizada ocupação com os fatos políticos. Enquanto tal movimento tomava maiores proporções no exterior, em território brasileiro ocorrera o oposto. A política educacional na década de 1970 por intermédio da Ditadura Militar se voltou para a criação de disciplinas como os Estudos Sociais, que abrangiam História, Geografia, Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política Brasileira (OSPB), prezando por uma abordagem menos reflexiva e mais nacionalista dos conteúdos.

Nesse contexto, a edificação do conhecimento histórico, o estudo das ações humanas, as relações entre os grupos sociais, tempo e espaço foram desprezados, principalmente na rede pública de ensino, pois se privilegiou a sucessão dos acontecimentos históricos de forma isolada. Conforme Fonseca (2012, p. 235), nos apresenta que o ensino fundamental na educação brasileira, “durante muito tempo, constituiu um espaço de privilégio para a difusão de memórias selecionadas, uma história caracterizada por mitos políticos, além de preconceitos e estereótipos conservadores”.

Com o fim da Ditadura Militar e tendo em vista as transformações sociais e políticas da época, gradativamente ocorreu uma série de alterações educacionais voltadas ao ensino de História e da Geografia. “O ensino deixou de prezar pela memorização de fatos e datas, possibilitando ao aluno uma gradativa solidificação de conhecimentos a partir das próprias experiências” (BRODBECK, 2012, p.9).

Nas últimas décadas, uma infinidade de pesquisas e debates permeou a disciplina de História tendo em vista a transformação do procedimento de ensino utilizado nesta área do saber. Debateu-se principalmente o papel da escola no desenvolvimento de um alunado crítico, autônomo e participante. Nesse contexto, a sala de aula não deveria mais ser compreendida apenas como espaço de transmissão de conteúdos, mas, sobretudo como um espaço no qual o alunado possa refletir e debater sobre os objetivos do estudo da História e o seu próprio processo de aprendizagem, visto que é imprescindível que a narrativa histórica se relacione com a identidade e as ações dos indivíduos integrantes do meio, sobretudo no ensino fundamental, conforme Zamboni (1993, p.7):

(...) o objetivo fundamental da História, no ensino de primeiro grau (ensino fundamental), é situar o aluno no momento histórico em que vive... O processo de construção da história de vida do aluno, de suas relações sociais, situado em contextos mais amplos, contribui para situá-lo historicamente, em sua formação

intelectual e social, a fim de que seu crescimento social e afetivo desenvolva-lhe o sentido de pertencer.

No contexto destas transformações surge a possibilidade de se trabalhar com a História Local que nos “possibilita gerar atividade investigativa, criadas a partir de realidades cotidianas” e; por último “permite trabalhar com diferentes níveis de análise econômica, política, social e cultural no âmbito mais reduzido, evidenciando as diferentes dimensões e ritmos temporais, (...) o trabalho com espaços menores pode facilitar o estabelecimento de continuidades e diferenças, evidências de mudanças, dos conflitos e permanências.” (SCHMIDT, 2007, 190-191).

Sob esta ótica, os indivíduos marginalizados do processo histórico passam a conhecer e valorizar suas vivências, costumes, crenças, lutas e hábitos, oportunizando a escola, desta maneira, o resgate dos valores culturais. Com a abordagem da História local o alunado passa a ter também a compreensão da construção e entrelaçamento gradativo de outras realidades, percebendo, assim, que a construção de uma História global se dá a partir de uma infinidade de histórias diversas e plurais construídas ao longo do tempo, histórias que merecem respeito e visibilidade de forma igualitária.

Dessa forma, os estudos históricos são imprescindíveis para a composição da identidade social do indivíduo, uma vez que possibilitam sua percepção como agente ativo da história ao identificar as relações dos diferentes grupos humanos em tempos e espaços diversificados. Sob este panorama, o estudo da história local como forma de incentivo à reflexão sobre o pertencimento e a participação ativa na construção da história apresenta dupla faceta: pedagógica e científica, conforme os ensinamentos de Manique e Proença (1994, p.24-26 *apud* FONSECA 2012, p. 157):

Do ponto de vista pedagógico, se pretendemos uma pedagogia de memória que faça frente aos problemas de desenraizamento, falta de identidade e pluralidade cultural e rática que caracterizam as nossas escolas, a história local pode ter um papel decisivo na construção de memórias que se poderão inscrever no tempo longo, médio ou curto, favorecendo uma melhor relação dos alunos com a multiplicidade da duração. (...) Sob o ponto de vista científico, a história local e regional evita o erro grosseiro de considerar o nacional como um todo homogêneo, o que, em termos de investigação científica, produz uma percepção desfocada e distorcida da dinâmica das sociedades.

Assim, o estudo do meio é, por natureza, uma área para que convirja uma infinidade de disciplinas, pois se trata de um espaço vital onde se estabelecem uma série de relações entre as sociedades humanas. Nestes termos, se a História possui um caráter global, é indispensável que também seja considerada em sua perspectiva local.

Apesar de apresentarem particularidades diversificadas e interpretação de acordo com o momento e a localidade, as identidades levam em consideração principalmente as circunstâncias do momento histórico em que os sujeitos culturais estão imersos, observando os aspectos que conjuntamente compõem o indivíduo, há, portanto, que se falar em uma identidade histórica do indivíduo. Nesse contexto, segundo Jörn Rüsen *apud* Nunes (2014, p.25) a identidade histórica,

consiste na ampliação do horizonte nas experiências do tempo e nas intenções acerca do tempo, no qual os sujeitos agentes se asseguram da permanência de si mesmos na evolução do tempo. O ponto extremo dessa consolidação de identidade é a ‘humanidade’, como supra-sumo dos pontos comuns em sociedade, com respeito à qual diversos sujeitos agentes, no processo de determinação de suas próprias identidades, determinam as dos outros de forma tal que estes se reconhecem nelas. Esse critério de sentido, ‘humanidade’, fornece o parâmetro para se constatar a consolidação da identidade em que desembocam o progresso contínuo do conhecimento mediante a pesquisa histórica e a ampliação contínua das perspectivas mediante a reflexão histórica sobre referenciais (RÜSEN, 2001, p. 126).

Assim, identidade histórica pode ser compreendida como ampliação gradativa das experiências e intenções do indivíduo ao longo do tempo, pode-se inferir ainda que “não há personagem fora da história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens” (CIAMPA, 2001, p. 157), faz-se necessário, desta forma, atentar e compreender a construção das identidades individual e coletiva dos sujeitos sociais, a fim de perceber o indivíduo também enquanto construção social, isto é, o resultado do somatório de valores e relações intrínsecas à conjuntura à qual pertence.

Novos panoramas nas práticas do ensino de História nos remetem para uma infinidade de formas de abordagens temáticas, tanto de linguagem, quanto de fontes e matérias. Nesse contexto, faz-se necessário reiterar que a consciência histórica do aluno não se constrói apenas no processo escolar, mas em diversos lugares de suas vivências. Assim, o próprio professor como sujeito que faz, vive, aprende e ensina a história se constitui como elemento essencial no processo de reconstrução do saber local.

O ensino-aprendizagem da história está intimamente atrelado ao debate, à discussão de evidências e diálogo com os sujeitos, permitindo-nos acompanhar em tempo real as experiências e vivências sociais em constante e eterno movimento, possibilitando rupturas em meio a um processo de constantes mutações engendradas pelo próprio movimento humano no decorrer do tempo.

Assim, torna-se imprescindível a educação histórica para que o indivíduo possa conhecer a si próprio e compreender a diversidade dos diferentes grupos sociais, construindo

uma relação respeitosa com o diferente. Desta maneira, aprender história é fundamental não só para o processo de construção das identidades, mas, sobretudo na formação da cidadania.

Diante do exposto entendemos, ainda, que a construção e reconstrução das identidades pessoais e sociais está diretamente vinculada à memória, uma vez que tanto nos aspectos individuais quanto no contexto coletivo ela possibilita que cada geração estabeleça vínculos com as gerações anteriores. É característico tanto nos indivíduos como nas sociedades a preservação do passado como um guia que norteia para enfrentar as incertezas do presente e do futuro.

Consideremos neste estudo a realidade brasileira, diversificada, plural e complexa, com diferenças regionais marcantes, variadas geograficamente e em níveis sociais, culturais e econômicos. Desta maneira, o cotidiano e o local, como âmbitos de formação da memória, são constitutivos ricos de possibilidades educacionais e formativas, desta maneira, não apenas estamos presentes na história, mas produzimos e aprendemos história em diversificadas realidades. A construção da consciência histórica dos sujeitos, portanto, requer uma relação ativa com o momento e o espaço onde habitam.

3. OS DESAFIOS PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL

Por meio da percepção de suas experiências de vida, o alunado terá condições de incorporar com mais facilidade os saberes escolares de forma crítica e contínua, ampliando sua compreensão de mundo e facilitando sua interação social. Faz-se necessário, assim, que o estudo da História parta de um processo de compreensão e reconstrução do viver de forma cotidiana, para que seja possibilitado ao corpo discente perceber que o homem, convivendo em sociedade, cria não só costumes pessoais, mas inclusive grandes ideias, contribuindo para a criação de uma história farta e ampla.

A partir desta perspectiva, depreende-se que o local e o cotidiano, como locais de memória, são ricos de possibilidades educativas e formativas, assim, nos ensina Calvino (1990, p.14-15 *apud* FONSECA, 2012, p.238) sobre o tema: “(...) a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão”. O estudo de história local aufere significado e importância essencialmente no ensino fundamental, mais precisamente pela possibilidade de introduzir e oferecer meios para a solidificação de uma nova maneira de pensar a história, de forma que abarque não só o indivíduo, mas a toda coletividade que o cerca, compreendendo as relações sociais estabelecidas no contexto de sua realidade mais próxima, assim conforme as lições de Rodrigues (1992, p. 43):

[...] o cidadão, embora pertencendo à Nação, tem no município suas raízes. É nela que ele nasce, cria seus filhos, trabalha; a relação fundamental da vida do cidadão ocorre, portanto, no município. Então começemos por ensinar nossos alunos a acompanhar os administradores municipais, em sua atuação política; começemos por ensiná-los a conviver com a realidade concreta dos municípios, pelo conhecimento da vida política, administrativa, cultural e social de onde ele vive. Será através desse conhecimento que o cidadão poderá dimensionar sua real parcela de influência na transformação da realidade vivida. Tal envolvimento o levará à compreensão de sua importância e papel na transformação dos rumos da nação

Na prática do ensino de história, há uma infinidade de abordagens sobre os temas propostos, a educação histórica e a formação de uma consciência histórica dos indivíduos não ocorrem apenas no interior da sala de aula, mas em diversos outros locais. Isto requer do educador uma relação ativa com o tempo e o espaço do mundo em que vivemos, por menor que este seja assim dispõe a diretriz curricular trazida pela LDB (Lei nº. 9.394/1996):

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

Depreende-se, portanto, que assimilar verdadeiramente a história local e do cotidiano é um elemento fundamental do processo de construção das identidades particulares e coletivas, servindo de base para que os indivíduos compreendam e intervenham no meio em que vivem, exercendo sua qualidade de cidadãos críticos e conscientes. Nesse sentido, a história local tem um papel preponderante na formação das memórias que se desenvolverão ao longo dos tempos. Todavia, o lecionar voltado para a história local requer do professor a desenvoltura de buscar finalidade e sentido para o conhecimento que fornece e, isso significa superar a simplória transmissão de informações pronta e acabada, a qual não tem por escopo o desenvolvimento intelectual do alunado.

Apesar dos consensos solidificados acerca da relevância da problematização e do estudo da história local/ regional para a formação de crianças e adolescentes, é possível se deparar com uma gama de entraves para a concretização deste objetivo, conforme Fonseca (2012, p.154-155), nos apresenta que “dentre estes estão a fragmentarização espaços, tempos e problemas, pois a história local muitas vezes é dissociada do restante do país ou do mundo, o homem, portanto, aparece como elemento de uma população abstrata”.

Além disso, muitas das vezes o bairro, município, estado ou região possuem sua evolução dimensionada e voltada unicamente para a história heróis ou figuras e grupos políticos pertencentes às elites locais ou até nacionais. Quanto às fontes de estudo, há de se

ressaltar que os documentos históricos disponíveis aos professores são majoritariamente construídos de textos, dados, encartes, folhetos, materiais produzidos pelas prefeituras ou órgãos administrativos locais, como objetivo de difundir a imagem de um determinado grupo social, econômico ou político. Desta forma, professores e alunos, muitas das vezes, possuem como primordial fonte de estudo, evidências que visam preservar a memória apenas de determinados grupos da localidade.

A partir desta perspectiva, defende-se, sobretudo, que o historiador utilize como ponto de partida determinado recorte histórico, isto é, algum elemento da vida com as devidas limitações de tempo e espaço. Quanto às fontes, defende-se a evidência oral como aquela capaz de evitar as falhas e vícios documentais, uma vez que a fonte oral é mais propensa a ampliar a compreensão do contexto local e de revelar os silêncios e suprir as omissões da documentação escrita.

Nesse contexto, o trabalho investigativo tomando como base o cotidiano do alunado, por meio de fontes orais, comporta uma nova dimensão à medida que possibilita a problematização, bem como a reflexão sobre a realidade que o circunda. O alunado é, assim, motivado a levantar “testemunhos vivos”, as evidências orais da história do lugar, buscando explicações e formando sua capacidade crítica.

O estudo do meio nos possibilita não só empreender a reflexão acerca de a nossa identidade, mas também “promover o diálogo entre diferentes identidades de forma cidadã num contexto interdisciplinar e possibilita, assim, ao alunado, estabelecer um contato vivo e de forma direta, com o patrimônio social, histórico e ambiental do local estudado”. Desta maneira, o meio como recurso didático permite, nas palavras de Manique e Proença (1994, p. 26 apud FONSECA, 2012, p. 250), atingir determinadas metas de caráter didático-pedagógico:

Revelam-se extremamente motivadores para os alunos porque lhes permitem realizar atividades sobre temas que lhes despertam o interesse (...); A observação do meio – e consequente pesquisa – permite o desenvolvimento de capacidades intelectuais como a análise, enquanto classifica, compara e discrimina os diversos dados obtidos na investigação, a que seguirá um trabalho de síntese final; Por se tratar de trabalhos de pesquisa, o aluno pode iniciar-se no método de investigação histórica, exercitando outros processos científicos, como a formulação de critérios hipotético-dedutivos, e desenvolvendo a observação direta e indireta; Pelo estudo do meio é possível concretizar a interdisciplinaridade, através da abordagem didática de situações que implicam a relação de fenômenos que podem envolver diferentes áreas científicas, mas que tenham como denominador comum o fator de se desenvolverem num lugar e época concretos; (...) O contato com as instituições locais e a percepção do seu modo de funcionamento preparam melhor o aluno para uma futura integração na sociedade, facilitando-lhe a compreensão das instituições democráticas e reforçando, deste modo, o caráter formativo da história na preparação para o exercício consciente da cidadania.

Assim, faz-se necessário repensar o contexto local face ao ensino da História, tendo em vista que mais do que difundir respostas para as rotineiras perguntas ou meramente oferecer soluções prontas para os problemas, à história oral e a análise local, no contexto da educação básica, nos permitem adentrar no mundo do outro, conferindo uma nova possibilidade de diálogo e incentivando a postura de sujeitos históricos, agentes de transformação social, preparados para exercer a cidadania de forma consciente.

4. A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE FAGUNDES

4.1 O surgimento da cidade

O município de Fagundes fica localizado no Planalto da Borborema na Serra do Bodopitá, Agreste Paraibano, limitando-se ao Norte com a cidade de Campina Grande-PB, com principal acesso a partir de João Pessoa BR230-PB100. Sua população no ano de 2017 foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 11.313 habitantes, distribuídos em 189,026 km² de área territorial.

As principais atividades comerciais dos fagundenses estão ligadas à pecuária e à agricultura, esta última, muitas vezes realizada em forma de subsistência. Outra atividade significativa é o turismo, como principal ponto turístico destaca-se a Pedra de Santo Antônio visitada por turistas e romeiros durante o ano todo, principalmente no mês de Junho.

Quanto às taxas de escolarização no município, segundo o IBGE, em 2015, os alunos dos anos iniciais e dos anos finais da rede pública de Fagundes obtiveram nota média de 4.7 e 3.6, respectivamente, no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava o município na posição 63 de 223 dentre as cidades do estado e na posição 2.733 de 5.570 dentre as cidades do Brasil.

Remetendo-se à História da localidade de Fagundes-PB, conforme informações históricas fornecidas pelo site oficial do IBGE, os primeiros habitantes da localidade onde atualmente situa-se o município de Fagundes, foram os indígenas da família Cariris, em meados de 1642. Pouco depois, também fizeram estadia grupos de jesuítas e carmelitas que realizaram trabalho de catequese em Cana Brava, como ficou conhecida a localidade à época.

Em 1664, familiares de Teodósio de Oliveira Lêdo principiaram forte atividade com vistas a povoar e urbanizar o território de Cana Brava e por volta do ano de 1762, data que não há como precisar, o vilarejo passou a chamar-se Fagundes. A denominação Fagundes,

conservada até os dias atuais, teve origem em virtude de existir no local um chefe de tribos de nome Facundo, que, conforme a tradição oral, seria um homem de grande bravura. Em 1888 Fagundes foi elevada à qualificação de município e, posteriormente, em 1891, voltou a ser incorporado ao município de Campina Grande.

A emancipação política final, no entanto, ocorreu na data de 22 de dezembro de 1961, por meio de projeto de lei oferecido pelo então deputado Vital do Rêgo, assim, concedida sua autonomia através da Lei nº 2.661, quando Fagundes foi emancipada politicamente e desmembrada definitivamente da cidade de Campina Grande, à qual pertencia.

A cidade de Fagundes também foi palco de muitos movimentos sociais, como alguns dos mais significativos podemos relembrar a Revolta de Quebra Quilos, Ronco da Abelha e Revolta de Quebra Canos, conforme as lições de Silva (2012, p.28):

Fagundes foi cenário de diversos movimentos sociais como a revolta de Quebra Quilos, ainda na época do Império, na qual a população e os feirantes locais se revoltaram com a troca da “cuiá” (unidade de medida dos produtos), pelos pesos e balanças, o Ronco das Abelhas, e a Revolta de Quebra Canos, mais recente, na qual a população Fagundense travou uma luta corporal com a população do Distrito de Galante – CG, por causa da água fornecida pela barragem João Leite (município de Fagundes).

Além das mencionadas revoltas, sobre as quais discorreremos de forma mais detalhada ao longo desse trabalho, a cidade de Fagundes tem como um de seus traços preponderantes a religiosidade, dadas suas tradições voltadas para a lenda da Pedra de Santo Antônio, na qual um senhor de posses advindo de Pernambuco, procurando um local para estabelecer sua moradia, determinou que seus escravos procurassem o melhor local. Nas buscas empreendidas, localizaram uma imagem de Santo Antônio no alto de uma grande pedra, tal imagem foi levada por diversas vezes à igreja local, mas misteriosamente retornava ao seu local de origem, que ficou conhecida como Pedra de Santo Antônio.

O município de Fagundes também foi berço de revoltas e movimentos populares significativos para a história local e também nacional, entre eles o “Ronco da Abelha”, a “Revolta de Quebra-Quilos” e o “Conflito do Quebra Canos”, nos quais a própria população insurgiu-se contra as imposições governamentais da época, revelando uma sociedade que resistiu veementemente às determinações contrárias aos interesses dos cidadãos.

4.2 As revoltas ocorridas no município de Fagundes

4.2.1 O Ronco da Abelha

O “Ronco da abelha”, também denominado como “guerra dos marimbondos”, identificou os movimentos armados contra determinadas resoluções do governo imperial. Quanto à diferenciação de nomenclaturas, Mário Mello (1920), em suas lições, denomina os eventos sucedidos em Pernambuco como sendo a “guerra dos marimbondos”, enquanto nos vilarejos e municípios da Paraíba, a exemplo de Fagundes, teria ocorrido o “Ronco da abelha”. Como este e outros autores também são aderentes a tal diferenciação, apesar de análogo o contexto histórico das revoltas.

Aparentemente, houve um roteiro de ações semelhante tanto em Pernambuco quanto na Paraíba: após o surgimento de leis e decretos como a obrigatoriedade de um censo e de imposição de registro civil, em meados do Século XIX, homens e mulheres invadiram igrejas, rasgando os editais afixados, ademais, amedrontando os juizes de paz e as autoridades policiais para não os executar, em alguns locais, inclusive houve confrontos com a força pública.

Cumprе salientar que, à época, os registros de nascimento e os registros de óbito eram efetivados tão somente pelo pároco, constando apenas o que consideravam necessário, como a data de nascimento, filiação paterna e materna, bem como a condição de livre ou escravo, assim, via de regra, não existiam motivos para questionamento sobre a veracidade quanto à documentação exarada. Todavia um decreto do governo imperial de junho de 1851, advindo para regulamentar lei vigente de setembro de 1850, determinou que somente os cartórios seriam os provedores de tais informações.

Ao ver dos revoltados, além de o texto legal abrir margem para diversas ambiguidades, a credibilidade das instituições civis não era das maiores, podendo ocasionar, dentre outras irregularidades, a escravização dos nascidos livres. Em decorrência do amedrontamento geral a nova norma foi intitulada como “lei de cativoiro”, nas palavras de Joffily (1976, p.78):

Imaginemos uma mulher moradora em terras de determinado engenho ou fazenda de algodão, que ao morrer deixa filhos menores (...) quem evitaria o registro de óbito dessa mulher como escrava, e o registro de nascimentos dos filhos também como escravos?

Nas palavras de Secreto (2003, p.05), juntamente com a implementação do Registro de nascimentos e óbitos se realizaria também o Primeiro Censo Nacional, nesse contexto, os revoltosos se opuseram, inicialmente, tanto à lei Censitária como a lei de Registro de nascimentos e óbitos, mas seu desenrolar foi incluindo outras reivindicações secundárias, como toda revolta. Em 29 de janeiro de 1852, por meio de novo decreto imperial, segundo

Oliveira (2005, p. 125) foi suspensa a execução tanto do Registro Civil como do Censo Geral do Império outrora impostos.

4.2.2 O Quebra-Quilos

No final de 1874, outro grande movimento tomou grandes proporções no território de Fagundes, entre outras vilas e cidades da Paraíba, de Alagoas, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, estas localidades foram cenário da Revolta do Quebra-Quilos, levante popular em oposição à imposição governamental de novos pesos e medidas, nas lições de Lima (2004, p. 163):

A ação dos revoltosos seguiu um padrão mais ou menos comum: grupos de homens e mulheres, constituídos por agricultores pobres, artesãos, feirantes e desocupados, entraram em confronto com forças policiais, destruíram pesos e medidas do sistema métrico-decimal recém implantado, se recusaram a pagar impostos, atacaram prédios onde funcionavam repartições públicas, tais como a câmara municipal, a cadeia, cartórios e a coletoria, e em seguida se dispersaram, não sem antes deixarem no ar um clima de apreensões difusas.

Pode-se inferir que o fato gerador do desencadeante de tal revolta, diz respeito principalmente a uma questão econômica, quando o então Ministro da Agricultura e Comércio, o Sr. José Lins Vieira referendou a Lei 1.157 que oficializou a incorporação do Sistema métrico decimal francês, o que gerou forte impacto para a população, já habituada com o sistema métrico utilizado até então. Conforme o Lima (2004, p.165), o Quebra-Quilos começou efetivamente no dia 31 de outubro de 1874, quando a população aproveitou o momento no qual se realizava a feira semanal de Fagundes, então Distrito de Campina Grande, para protestar.

Logo após, tiveram seguimento uma série de manifestações nas localidades circunvizinhas, manifestantes se opuseram às vendas utilizando os novos padrões do sistema de pesagem e medidas, bem como ao pagamento dos impostos estabelecidos. Nesse contexto, segundo Lima (2006, p. 2-3), tampouco a força pública conseguiu obstar que os revoltosos inutilizassem os utensílios de medidas e de procederem da mesma forma com os demais estabelecimentos comerciais, há relatos, inclusive, de invasões às cadeias para a libertação de presos.

Estes atos, refletiram em sobremaneira a insatisfação das camadas mais populares com a implementação do recente do sistema métrico francês, que veio a substituir sistema até então empregado no Brasil, este com forte aceitação entre a maior parcela dos cidadãos. Os governantes intencionavam, com esta medida, impor uma nova ordem de padronização no

território, porém, nem os pequenos comerciantes e nem a população em geral compartilhavam desta ideia, uma vez que o comércio, sua forma de proceder e as relações pessoais diárias possuíam uma ordem própria e já estabelecida (LIMA, 2006, p. 2-3).

Desconfiados quanto às tais mudanças atribuídas pelo governo vigente, esses homens se revoltaram, iniciando, então, o movimento, que consistiu numa total resistência aos novos instrumentos de medição.

4.2.3 O Conflito do Quebra Canos

Em meados do século XX, a população alocada nos distritos de Galante e Fagundes enfrentavam fortes dificuldades relacionadas à seca e à ausência de abastecimento de água. Neste contexto, buscando amenizar o problema, na década de 1950, o então prefeito de Campina Grande, Plínio Lemos, empreendeu a construção da Barragem Francisco dos Reis no Distrito de Fagundes, que a princípio, veio a beneficiar também o Distrito de Galante.

Em meados de 1961 o Distrito de Fagundes adquiriu sua emancipação política, passando a ter a efetiva posse da barragem. Novamente sem dispor de reservatório de água, a população de Galante voltou a reivindicar soluções à administração local, que, por sua vez, decidiu drenar a água da barragem do município de Fagundes até o Distrito de Galante.

Devido à sua baixa localização geográfica, o Distrito de Galante receberia a água com mais intensidade do que o próprio Município de Fagundes, que situava-se acima do nível da água. Por este motivo, o clima de tensão e descontentamento aumentava a cada dia: de um lado os Fagundenses, inconformados com a solução proposta, pois receberiam a água alocada em seu município com ainda menos intensidade e, do outro lado, os Galantenses, sem dispor de água para utilização cotidiana.

Em meados de 1983, o conflito veio a ocorrer de fato, segundo Nascimento (2012, p.52), quando a CAGEPA, iniciou a distribuição dos canos que fariam a drenagem para o Distrito de Galante, a população os quebrou, o conflito entre Fagundes e Galante ainda ocasionou apedrejamento de carros, ameaças e tiroteios, sagrando-se Fagundes vencedora, ao final.

5. A HISTÓRIA LOCAL VISTA A PARTIR DAS TURMAS DE FUNDAMENTAL II DA ESCOLA MUNICIPAL CASSIMIRO F. VIEIRA MÃE JOANA/ FAGUNDES-PB

Como campo de pesquisa para uma reflexão acerca da importância do ensino de História local voltado para o Fundamental II, tomou-se como base a Escola Municipal

Cassimiro F. Vieira, localizada no município de Fagundes, no sítio Mãe Joana. Com uma distância aproximada de 23 km do centro da cidade de Fagundes, a escola, de médio porte, conta com cinco salas de aula, um pátio, uma sala para os professores, uma sala da direção, uma sala de informática, uma biblioteca, dois banheiros e uma cozinha.

A unidade escolar atende alunos da localidade rural de nome Mãe Joana, além das demais comunidades rurícolas circunvizinhas, a exemplo das intituladas Curral Velho, Urubú, Cacimba Doce, Massapê e Jardim, funcionando nos turnos manhã e tarde. Na parte matutina, Escola Municipal atende o Fundamental I e na parte vespertina o Fundamental II, do 6º ao 9º ano, contabilizando um total de cento e dez alunos. Atualmente a escola encontra-se com quadro de dois diretores, onze professores, sete destes em disciplinas. Ademais, possui cinco funcionários compondo o quadro de apoio, além de um funcionário exercendo a função de porteiro.

Após um primeiro contato com a unidade tomada como campo de pesquisa, foram elaborados dois questionários, um voltado para o professor de história da unidade e outro voltado para o alunado, selecionando quatro deles para procederem com as respostas a partir de sua vivência escolar, aos quais suprimimos a identificação. Ambos os questionários foram aplicados nos mês de maio do ano de 2018.

As perguntas selecionadas para o questionário docente com as respectivas respostas foram as seguintes: *“Nome, idade, leciona História há quanto tempo? Fale um pouco sobre a sua formação enquanto professor de história”*.

R1: Helder Melquisedec da S. Gomes, tenho 45 anos, e iniciei minha carreira profissional antes mesmo de colar grau em 2008, completando no corrente ano 10 anos de exercício profissional. Durante este período de exercício profissional lectionei em escolas públicas da rede municipal e estadual dos municípios de Campina Grande e Fagundes, atuando no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

R2: Com muito esforço ingressei no curso de História, turma 2005.2 da UEPB. Com dedicação e força de vontade concluí o curso e coleí grau em 2011. Durante o curso procurei participar dos eventos, GTs, seminários, palestras etc...buscando uma formação mais sólida, já que enxerguei que entre os objetivos do curso de História está a formação de profissionais reflexivos, críticos e pesquisador na área. Posterior à colação de grau, enxergando que, na nossa realidade atual, continuar estudando é de extrema importância e que terminar a faculdade e ter um título não é o fim da linha, pelo contrário, é apenas o começo do caminho profissional, procurei emendar uma pós-graduação, realizando a Especialização em Metodologia do Ensino de História e Geografia de 2012 a 2013, pela UNINTER, polo (Furne – C. Grande - PB), em seguida a Especialização para as Relações Étnico –Raciais, (UFCG – C. Grande / PB). (PESQUISA DE CAMPO, MAIO, 2018)

Os questionamentos acima dispostos cumprem o objetivo meramente qualificatório do docente entrevistado, a fim de contextualizar os questionamentos subsequentes. Passada esta

fase, em seguida foi perguntado “*Como você observa o significado da história e a finalidade do ensino de história*”?

R3: A História é a área do conhecimento que investiga o passado da humanidade e que nos ajuda a obter resposta para sabermos sobre as questões sociais, os problemas políticos, as desigualdades, as doenças etc..., tendo como referência um lugar, uma época, um povo ou um indivíduo específico. Por meio desta disciplina podemos observar o passado como forma de compreender a vida que levamos hoje, o que nos ajuda a perceber como as coisas mudaram e como essas mudanças podem interferir no futuro. Isso só é possível pelo fato de a História se dedicar ao estudo das ações humanas ao longo do tempo. (PESQUISA DE CAMPO, MAIO, 2018)

Quanto ao questionário docente, temos que a história é a área do conhecimento que investiga o passado da humanidade, e, pelo fato de se dedicar ao estudo das ações humanas ao longo do tempo, a história nos leva a compreender a conjuntura atual da vida em sociedade. Nesse contexto, pode-se inferir que as conjunturas atuais são notório reflexo de uma composição histórica traçada pelos indivíduos, sujeitos sociais, e suas ações ao longo dos tempos. Logo em seguida, foi perguntado ao docente entrevistado: “*Quais recursos didáticos você mais costuma de utilizar em sala de aula*”?

R4: Pensando que o processo de aquisição do conhecimento se dá através de aluno – professor e professor – aluno, uma vez que uma das funções do professor é auxiliar o aluno a progredir em seu desenvolvimento racional – educacional, procuro trabalhar com uma variedade de recursos que se adequem a realidade da escola e dos alunos. Dessa forma, destaco os seguintes: Elaboração de ideias de História a partir de gravuras e elementos, organização de quadro síntese, análise e montagem de mapas, análise de filmes e slides, entrevistas, poemas e músicas como leituras complementares e trabalho com fotografias. (PESQUISA DE CAMPO, MAIO, 2018)

Em se tratando da transferência dos conteúdos ao alunado, o professor elenca como meios didáticos a elaboração de ideias de História a partir de gravuras, organização de quadro síntese, análise e montagem de mapas, análise de filmes e slides, entrevistas, poemas e músicas como leituras complementares e trabalho com fotografias, fugindo do padrão básico de utilização do livro didático.

Foi, ainda, questionado ao docente “*Você costuma trabalhar com seus alunos a temática da história local do município na qual os alunos estão inseridos? Que conteúdo dessa história municipal é destacado*”?

R5: Sim. Conteúdos: Observando as transformações da Cidade, Indígenas que habitaram Fagundes e a Revolta dos Pesos e Medidas. Os objetivos de se estudar estes conteúdos partem da ideia de o quanto é importante que possamos pensar e entender a dinâmica das transformações que ocorreram ao longo do tempo e os motivos que levaram tais transformações do nosso local, atrelado a importância

que a escola tem em estar constantemente em contato com as tradições do país, e do professor de pesquisar sobre os elementos da cultura indígena local, propiciando ao alunado maiores oportunidades de conhecer o processo de construção do nosso local, bem como compreender a história indígena do passado e do presente. Quanto a temática ‘Revolta’, vejo a importância de despertar no aluno o senso crítico, para entender que estes confrontos são resultantes de um processo em sua maioria, histórico, político, étnico, religioso, econômico e/ou social. (PESQUISA DE CAMPO, MAIO, 2018)

Sobre a abordagem em sala de aula do conteúdo História local do município de Fagundes, discorre o docente, principalmente, sobre a observância das transformações da cidade, Indígenas que habitaram a localidade e a Revolta dos Pesos e Medidas como forma de localizar o alunado, proporcionando a oportunidade de conhecer o processo de construção da conjuntura à qual estão inseridos, gerando, desta maneira, o sentimento de pertencer.

Por sua vez, sobre as principais dificuldades do lecionar História local, foi perguntado “*Quais as principais barreiras que você encontra para desenvolver ou não desenvolver o trabalho com o estudo da história local?*”, respondendo o entrevistado, da seguinte maneira: **R6:** “Posso afirmar que as barreiras são ínfimas se comparada à vontade que tenho de desenvolver meu ofício. Porém, ressalto que encontrar material relacionado a temática indígena local é difícil, já que a produção é bastante resumida.”

Tal entendimento remonta a dificuldade de obtenção de material didático, há de se ressaltar que o ensino da história local ainda encontra entraves, a exemplo da ausência de material didático adequado, sugerindo-se, nestes termos a utilização da fonte oral como aquela capaz de evitar as falhas e vícios documentais, uma vez que é mais propensa a ampliar a compreensão do contexto local.

Ao final, quanto à importância do estudo da História local, foi perguntado ao docente “*Você considera importante o estudo da história local para a construção do conhecimento histórico do aluno? Justifique*”, respondendo este da seguinte forma:

R7: Sem dúvida. Já que os objetivos do ensino não deve ser conteudista tão quanto se restringir a assimilação maior ou menor de conteúdos prefixados, mas deve buscar a articulação de conhecimentos, competências e valores com a finalidade de capacitar o alunado a utilizarem as informações para atuarem de maneira efetiva na sociedade. (PESQUISA DE CAMPO, MAIO, 2018)

O professor destaca também a importância de despertar no aluno o senso crítico a partir do estudos das revoltas, resultantes de um processo, em sua maioria, histórico, político, étnico, religioso, econômico e/ou social e ressalta que um dos principais problemas a serem enfrentados é a obtenção de materiais didáticos relacionados à temática local, ademais, reitera a importância do ensino da História local, visto que o ensino não deve se restringir a

assimilação de conteúdos prefixados, mas deve buscar a articulação de conhecimentos, competências e valores com a finalidade de capacitar o alunado a utilizarem as informações para atuarem de maneira efetiva na sociedade.

Por sua vez, as perguntas selecionadas para o questionário dos discentes, preenchido por quatro alunos, aos quais chamaremos de aluno 1, aluno 2, aluno 3 e aluno 4, foram: *Idade e ano que estuda. Você gosta da disciplina de História? Por quê?*

ALUNO 1: 11 anos de idade, 6º ano. Sim, porque gosto de estudar os assuntos e o professor é legal.

ALUNO 2: 12 anos de idade, 7º ano. Sim, porque fala sobre história antiga.

ALUNO 3: 13 anos de idade, 8º ano. Sim, porque ele é bastante compreensível, gosta de todos os alunos e me ajuda quando preciso.

ALUNO 4: 13 anos de idade, 8º ano. Sim, porque a história cada vez mais nos dá curiosidade, vontade de saber mais. (PESQUISA DE CAMPO, MAIO, 2018)

Por sua vez, no questionário discente aplicado foi possível observar, inicialmente, o gosto dos alunos pela disciplina de História, em especial quando se trata da curiosidade pelos fatos ocorridos ao longo dos tempos, ademais, pode-se observar a identificação do alunado com a metodologia aplicada no questionamento seguinte, qual seja, *“Você gosta da forma que o seu professor trabalha o conteúdo de história? Por quê?”*

ALUNO 1: Sim, porque ele é legal e conversa com todos da sala.

ALUNO 2: Sim, porque ele dá vários conteúdos diferentes.

ALUNO 3: Sim, porque ele traz assuntos que são legais aos conteúdos que ele passa e assim fica mais compreensível.

ALUNO 4: Muito, porque ele nos oferece conhecimento além dos livros e deixa cada vez mais interessante. (PESQUISA DE CAMPO, MAIO, 2018)

O estudo de história local aufere significado e importância essencialmente no ensino fundamental, mais precisamente pela possibilidade de introduzir e oferecer meios para a solidificação de uma nova maneira de pensar a história, todavia, quando perguntados sobre *“a discussão temática ou período histórico que mais lhe atrai na disciplina de História?”* as respostas foram as seguintes:

ALUNO 1: Pré-história

ALUNO 2: Idade Antiga

ALUNO 3: Pré-história; Idade Antiga

ALUNO 4: Idade Antiga; Idade Moderna; História do Brasil; História do seu município. (PESQUISA DE CAMPO, MAIO, 2018)

Desta maneira, quando perguntados sobre a discussão temática ou o período histórico que mais atrai, os temas mais abordados foram Pré-história e Idade Antiga, sendo a História

do município citada apenas uma vez, o que demonstra como o tema ainda é pouco discutido de forma a atrair o alunado para um aprofundamento sobre a conjuntura de sua vivência, seja pela ausência de material didático adequado, seja pela preferência dos temas mais comumente aplicados. Posteriormente, foi questionado se *“Você já estudou sobre a história de Fagundes? Como esse tema foi trabalhado pelo seu professor?”*, assim respondido:

ALUNO 1: Não.

ALUNO 2: Sim, foi trabalhado história de Fagundes.

ALUNO 3: Não.

ALUNO 4: Sim, o professor de história traz fatos passados há muito tempo e compara a nossa história, a revolução francesa a revolta de Quebra-Quilos. (PESQUISA DE CAMPO, MAIO, 2018)

Depreende-se, portanto, que alguns dos alunos entrevistados não viram ou não se recordam sobre os temas de História local abordados em sala de aula, entretanto, logo em seguida ao serem elencados alguns dos principais temas referentes à História de Fagundes-PB, foram realizados os seguintes questionamentos, *“Você já escutou a história de algum desses acontecimentos?” e Cite e explique algum fato histórico do município de Fagundes”*. Respondidos da seguinte maneira:

ALUNO 1: Ronco da Abelha. (Não soube explicar)

ALUNO 2: Revolta de Quebra-quilos; Revolta de Quebra Canos. Revolta Quebra Canos, porque pessoas de Galante queriam ser abastecidas pelo açude de Fagundes.

ALUNO 3: Revolta de Quebra-quilos. (Não soube explicar)

ALUNO 4: Ronco da Abelha; Revolta de Quebra-quilos; Revolta de Quebra Canos. Revolta Quebra Canos, surgiu quando autoridades de Galante queriam tomar boa parte de nosso açude tendo já água deles. (PESQUISA DE CAMPO, MAIO, 2018)

Desta maneira, quando perguntados sobre acontecimentos locais do município de Fagundes, a Revolta de Quebra-quilos foi a mais conhecida pelos discentes, seguida do Ronco da Abelha e Revolta de Quebra Canos. Todavia, quando solicitado para que explicasse algum dos fatos históricos apenas a Revolta de Quebra Canos, mais recente dentre elas, foi mencionada.

Portanto, podemos concluir que os questionários deixam claro que o estudo de história local aufere significado e importância essencialmente no ensino fundamental, mais precisamente pela possibilidade de introduzir e oferecer meios para a solidificação de uma nova maneira de pensar a história, assim, o estudo do meio nos possibilita não só empreender a reflexão acerca de a nossa identidade, mas também promover o diálogo entre diferentes

identidades de forma cidadã, além de aguçar as investigações sobre uma infinidade de outros conteúdos.

6. CONCLUSÃO

Compreendemos que devemos valorizar a memória dos sujeitos que no dia a dia constroem suas histórias, uma vez que o ensino da História Local permite que possamos dar vozes àqueles autores que estiveram silenciados, marginalizados pela História Oficial. Sabemos que a escola tem como função social a formação plena e integral do cidadão e o ensino de História tem um relevante papel na formação desse sujeito, pois apresenta como principal pressuposto despertar o olhar crítico desses cidadãos em relação à realidade na qual estão inseridos, devido ao fato de que seus conteúdos possibilitam aos alunos o constante debate e observação não somente entorno do passado, mas também sobre o presente e, principalmente, determinando o futuro.

Reitere-se que o estudo de história local aufere significado e importância essencialmente no ensino fundamental, mais precisamente pela possibilidade de introduzir e oferecer meios para a solidificação de uma nova maneira de pensar a história, de forma que abarque não só o indivíduo, mas a toda coletividade que o cerca. O estudo do meio nos possibilita não só empreender a reflexão acerca de a nossa identidade, mas também incentivar o diálogo entre diferentes identidades de forma cidadã, estabelecendo um contato vivo e de forma direta, com o patrimônio social, histórico e ambiental do local de vivência.

Observa-se que o trabalho direto com a História Local nos possibilita gerar atividade investigativa, criadas a partir de realidades cotidianas, aguçando a vontade de conhecimento, ademais, permite trabalhar com as peculiaridades econômicas, políticas, sociais e culturais numa realidade mais aproximada, o âmbito local. Inquestionável, assim, que, a partir do estudo da história local, os indivíduos marginalizados do processo histórico passam a conhecer e valorizar suas vivências, costumes, crenças, lutas e hábitos, oportunizando a escola, o resgate dos valores culturais. Percebendo, assim, que a construção de uma História global se dá a partir de uma infinidade de histórias diversas e plurais construídas ao longo do tempo, histórias que merecem respeito e visibilidade de forma igualitária.

Quanto às fontes de estudo, há de se ressaltar que os documentos históricos disponíveis aos professores são majoritariamente construídos de textos, dados, encartes, folhetos, materiais produzidos pelas prefeituras ou órgãos administrativos locais, como objetivo de difundir a imagem de um determinado grupo social, econômico ou político. A

partir desta perspectiva, defende-se como principal fonte a evidência oral como aquela capaz de evitar as falhas e vícios documentais, uma vez que a fonte oral é mais propensa a ampliar a compreensão do contexto local e de revelar os silêncios e suprir as omissões da documentação escrita.

Portanto, faz-se necessário repensar o contexto local face ao ensino da História, tendo em vista que mais do que difundir respostas para as rotineiras perguntas ou meramente oferecer soluções prontas para os problemas, à história oral e a análise local, no contexto da educação básica, nos permitem adentrar no mundo do outro, conferindo uma nova possibilidade de diálogo e incentivando a postura de agentes de transformação social, preparados para exercer a cidadania de forma consciente.

**A (RE) CONSTRUCTION OF IDENTITIES AND THE NOTION OF SOCIETY
SUBJECTS: AN APPROACH ON THE TEACHING OF LOCAL HISTORY IN THE
FUNDAMENTAL EDUCATION II OF THE MUNICIPAL SCHOOL CASSIMIRO F.
VIEIRA MÃE JOANA / FAGUNDES-PB**

Joaquim Rangel Andrade da Silva

ABSTRACT

This article aims to analyze the contributions of the local history of the municipality of Fagundes - PB, in a perspective of the critical and significant construction of a renewed history teaching, considering the composition of the individual's social identity and his perception as an active agent of history. Based on the assumption that the construction of a global history is based on an infinity of plural histories constructed over time, which deserve respect and visibility in an egalitarian way, it is also sought to make possible the construction of the historical consciousness of the subjects, providing an active relationship with the moment and the space where the student lives. The methodology adopted is based on the proposal of a bibliographic study, using, for such, authors such as Marta de SL Brodbeck, Vilma de Lurdes Barbosa, Ernesta Zamboni, Guimarães Selva Fonseca, among others, allied to a field survey applying questionnaires about studies of the local history with the classes of Fundamental II of the Municipal School Cassimiro F. Vieira, located in the municipality of Fagundes, in the site Mãe Joana. In the end, it is understood that from the study of local history, the marginalized individuals of the historical process come to know and value their experiences, it is necessary, therefore, to rethink the local context in relation to the teaching of History, local analysis, in the context of basic education, allows us a new possibility of dialogue, crossing the reflection about our identity and encouraging the dialogue between different identities, fomenting the posture of agents of social transformation.

KEY WORDS: Teaching History. Local history. Social identity.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Vilma de Lurdes. **Ensino de história local: redescobrimos sentidos.** *Revista de História.* Revista Seculum. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, v. nº 15, p.57-83, jul. 2006.
- BRODBECK, Marta de Sousa Lima. **Vivenciando a História – Metodologia de Ensino da História.** 1.ed. Curitiba, Base Editorial, 2012.
- BRASIL. IBGE. **Biblioteca IBGE - Histórico de Fagundes-PB.** Disponível em < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/paraiba/fagundes.pdf>>. Acesso em 30 de abril de 2018.
- CIAMPA, Antônio da C. **A estória do Severino e a História da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidades.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 30 de abril de 2018.
- FONSECA, Guimarães Selva. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados.** 13.ed. São Paulo, Editora Papyrus, 2012.
- JOFFILY, Geraldo Irenêo. **O quebra-quilo, a revolta dos matutos contra os doutores.** In: Revista de História, ano XXVII, Vol. LIV, 1976.
- LIMA, Luciano Mendonça de. **Sombras em movimento: Os escravos e o quebra-Quilos em Campina Grande.** Revista Afro-Ásia, 2004, p.163-169. Disponível em < <http://www.redalyc.org/html/770/77003105/>>. Acesso em 1º de maio de 2018.
- LIMA, Viviane de Oliveira. **Revoltas dos Quebra-Quilos. Levantes contra a imposição do Sistema Métrico Decimal.** Anais do XV encontro Regional de história da ANPUH-RIO, 2006. Disponível em < http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338335004_ARQUIVO_ANPUHRevoltas-Textofinal.pdf>. Acesso em 1º de maio de 2018.
- MELLO, Mário. **A Guerra dos Marimbondos.** In: Revista do Instituto Histórico e Arqueológico Pernambucano [RIHAP], vol. XXII, Recife, 1920.
- NASCIMENTO, Francisco de Assis. **A Barragem Francisco dos Reis no Município de Fagundes: Escassez, conflitos e repercussões socioambientais.** Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. Disponível em: < <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/2651>>. Acesso em 1º de maio de 2018.
- NUNES, Mônica Pereira Martins. **Memória Construindo Identidades: a revolta de princesa e a construção dos sujeitos locais.** Princesa Isabel, Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **O Ronco da Abelha: resistência popular e conflito na consolidação do Estado nacional, 1851-1852**. Universidade de São Paulo, Revista Almanack Brasiliense, nº 1, 2005. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/alb/article/view/1161/13379>>. Acesso em 1º de maio de 2018.

FAGUNDES. **Site oficial da Prefeitura Municipal de Fagundes**. Disponível em <<http://fagundes.pb.gov.br/a-cidade/>>. Acesso em 1º de maio de 2018.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação**. São Paulo, Cortez/ Autores Associados, 1992.

RÜSEN, J. **Conscientização histórica frente à pós-modernidade: a história na era da “nova transparência”**. Revista História, questões e debates. Curitiba, Departamento de História, UFPR, Ano 12, n. 20-21, 1997.

SECRETO, María Verónica. **Sem medida: revoltas no nordeste contra as medições imperiais**. Departamento de História/Universidade Federal do Ceará, 2003. Disponível em <http://www.abphe.org.br/arquivos/2003_maria_veronica_secreto_sem-medida-revoltas-no-nordeste-contra-as-medicoes-imperiais.pdf>. Acesso em 1º de maio de 2018.

SILVA, J. W. F. da. **O espaço geográfico como produto das manifestações socioculturais: o caso do sítio arqueológico Pedra de Santo Antônio município de Fagundes-PB**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/2721>>. Acesso em 30 de abril de 2018.

ZAMBONI, Ernesta. **O ensino de História e a construção da identidade**. História – Série argumento. São Paulo, SEE/Cenp, 1993.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DOCENTE SOBRE IMPORTÂNCIA DO ENSINO
DE HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO FUNDAMENTAL – REALIZADO COM O
PROFESSOR DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA ESCOLA MUNICIPAL
CASSIMIRO F. VIEIRA MÃE JOANA/ FAGUNDES-PB**

- 1) Nome, idade, leciona História há quanto tempo?
- 2) Fale um pouco sobre a sua formação enquanto professor de história.
- 3) Como você observa o significado da história e a finalidade do ensino de história.
- 4) Quais recursos didáticos você mais costuma de utilizar em sala de aula?
- 5) Você costuma trabalhar com seus alunos a temática da história local do município na qual os alunos estão inseridos? Que conteúdo dessa história municipal é destacado?
- 6) Quais as principais barreiras que você encontra para desenvolver ou não desenvolver o trabalho com o estudo da história local?
- 7) Você considera importante o estudo da história local para a construção do conhecimento histórico do aluno? Justifique.

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DISCENTE SOBRE IMPORTÂNCIA DO ENSINO
DE HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO FUNDAMENTAL – REALIZADO COM
ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL CASSIMIRO F. VIEIRA MÃE JOANA/
FAGUNDES-PB**

- 1) Idade e ano que estuda.
- 2) Você gosta da disciplina de História? Por quê?
- 3) Você gosta da forma que o seu professor trabalha o conteúdo de história? Por quê?
- 4) Qual a discussão temática ou período histórico que mais lhe atrai na disciplina de História?
() Pré-história () Idade Antiga () Idade Média () Idade Moderna
() Idade Contemporânea () História do Brasil () História do seu município
- 5) Você já estudou sobre a história de Fagundes? Como esse tema foi trabalhado pelo seu professor?
- 6) Você já escutou a história de algum desses acontecimentos?
() Ronco da Abelha () Revolta de Quebra-quilos () Revolta de Quebra Canos
- 7) Cite e explique algum fato histórico do município de Fagundes